

Cultura escolar e cidade educadora

Onde fica a autoridade, a identidade, da organização escola quando a sociedade reclama condições para uma aprendizagem contínua, protagonizada por todas as pessoas, em todas as circunstâncias da sua vida? Qual é a diferença, o sentido, o valor do modo escolar de aprender?

Prisioneira de uma imensa teia burocrática tecida pelos laços que tradicionalmente a tutelam e asfixiam, mandatada para o desempenho de funções terrivelmente ambiciosas e desenhadas longe da realidade que diariamente a interpela e interrompe, continuamente subjugada pelo peso de expectativas sociais confusas e contraditórias, a escola é agora chamada a reinventar-se na interacção dinâmica com uma sociedade que se pretende, toda ela, educativa e educadora. Como quer, como pode, como deve a escola responder a este repto?

A questão não é fácil, ainda que estimulante. Sobretudo quando colocada do lado de dentro de uma instituição que vem sendo, persistentemente, posta em causa, chamada a democratizar e a democratizar-se, a incluir e a incluir-se. Onde fica a autoridade, a identidade, da organização escola quando a sociedade reclama condições para uma aprendizagem contínua, protagonizada por todas as pessoas, em todas as circunstâncias da sua vida? Qual é a diferença, o sentido, o valor do modo escolar de aprender? A vida da escola é disciplinada por saberes socialmente reconhecidos, ensinados em múltiplos rituais de aprendizagem e de esforço que passam, necessariamente, pela leitura, pela escrita e pelo exercitar paciente que sustenta um aprender autónomo durante toda a vida. O tempo da escola é o tempo para caminhar, de palavra em palavra, de frase em frase, de problema em problema, num mundo de relação e de lições dadas, frente a frente. Tempo para aprender a escutar e a ser escutado, para aprender a ajudar e a ser ajudado. A escola é vida com tempo para pensar a vida, lugar de muitos encontros e de muitos começos. Lugar para aprender a sentir o mundo num despertar de fomes novas que nenhum visível sacia. Lugar onde nos preocupamos, e ocupamos, com os outros. É com este lugar de aprendizagem, de humanismo e de cultura, que nos identificamos e a partir do qual faz sentido estabelecer plataformas de confiança e de compromisso com outros actores.

Não pode afirmar-se como educadora uma cidade que menospreza as suas escolas. Há, de facto, uma cultura de aprendizagem característica do universo escolar que, como tal, pede para ser respeitada, aprendida e valorizada num quadro mais vasto de co-responsabilização social.

Por outro lado, porém, a defesa de uma identidade própria não pode explicar, por parte da escola, a opção por uma lógica de funcionamento surda aos apelos do mundo de que é parte integrante e donde, afinal, vem o alimento que justifica o esforço de aprender. Como organização específica, como instituição de referência com um capital de conhecimento incontornável, a escola não pode demitir-se de contribuir activamente para a concretização do pacto educativo da cidade. Além do mais, o cumprimento deste dever constitui uma oportunidade preciosa para sair da teia, para romper com o ciclo asfixiante que rouba tanto ânimo, obscurecendo o brilho das melhores iniciativas. A escola é, na verdade, habitada por espíritos empreendedores e atentos ao pulsar do mundo. Não como excepção que apenas serve para confirmar a regra, mas como palco de muita acção, de muita sensibilidade, de muita inteligência e de muito remar contra a maré de vontades adormecidas e acomodadas. Porque também as há. Dentro, como fora das escolas. A dinâmica de mudança motivada pelo movimento das cidades educadoras não está, naturalmente, isenta de riscos e de incomodidades. Não se muda sem alterar hábitos e rotinas. Uma verdade pedagógica que importa lembrar a propósito, também, deste desafio.